

CIBERFEMINISMO: análise das publicações da ONG Não Me Kahlo no *Twitter* e *Youtube* e o engajamento das mulheres nos meios digitais contra a dominação masculina

Janete Monteiro Garcia
Universidade Paulista (UNIP)

Pedro Farnese
Universidade Paulista (UNIP)

RESUMO

O objetivo deste estudo é fazer uma análise discursiva de vídeos publicados no Canal do grupo “Não Me Kahlo” no *Youtube* e a técnica de observação oculta (SKAGEBY, 2013) na página “ego” (RECUERO, 2009) do *Twitter* para coleta e investigação das postagens nesta plataforma. A ONG foi criada em 2013 e atua como ativista (*online* e *offline*) no sentido de promover o debate sobre machismo e violência contra a mulher. Conta atualmente com cerca de 4 mil inscritos no canal do *Youtube* e 105 mil seguidores na rede social *Twitter*. O critério baseia-se na atuação social do grupo e suas ações na luta contra esferas hegemônicas e de poder (SKAGEBY, 2013; FERRAZ, 2019). O recorte compreende publicações de 2020 até maio de 2021. A pergunta de pesquisa é: como as mulheres se posicionam dentro dessas plataformas de comunicação solidárias? Uma das hipóteses é que a iniciativa ganha mais força e visibilidade (LANDOWSKI, 1992) dada interação com o público feminino que busca de maneira empática (CAIAFA, 2020; PEREIRA, RETT e BEZERRA, 2021) sobrepujar suas angústias em relação ao sistema patriarcal (SAFFIOTI, 1987, 1995). Como resultado espera-se que este estudo traga uma contribuição e fortalecimento dos ativismos feministas visando uma conscientização sobre o assunto e promoção da igualdade de gênero.

Palavras-chave: Ciberfeminismo. *Youtube*. *Twitter*.

CYBERFEMINISM: ANALYSIS OF PUBLICATIONS BY THE NGO NOT ME KAHLO ON TWITTER AND YOUTUBE AND THE ENGAGEMENT OF WOMEN IN DIGITAL MEDIA AGAINST MALE DOMINATION

ABSTRACT

The objective of this study is to make a discursive analysis of videos published on the channel of the group “Não Me Kahlo” on *Youtube* and the technique of hidden observation (SKAGEBY, 2013) on the page “ego” (RECUERO, 2009) on *Twitter* to collect and investigation of posts on this platform. The NGO was created in 2013 and acts as an activist (*online* and *offline*) to promote the debate on sexism and violence against women. It currently has about 4 thousand subscribers on the *Youtube* channel and 105 thousand followers on the social network (*Twitter*). The criterion is based on the group's social performance and its actions in the struggle against hegemonic spheres and power (Cf. SKAGEBY, 2013; FERRAZ, 2019). The clipping comprises publications from 2020 to May 2021. The research question is: how do women position themselves within

these solidary communication platforms? One of the hypotheses is that the initiative gains more strength and visibility (LANDOWSKI, 1992) given the interaction with the female audience that seeks in an empathetic way (CAIAFA, 2020; PEREIRA, RETT and BEZERRA, 2021) to overcome their anxieties in relation to the patriarchal system (SAFFIOTI, 1987, com ALMEIDA, 1995). As a result, it is expected that this study brings a contribution and strengthening of feminist activism aiming at raising awareness on the subject and promoting gender equality.

Keywords: Cyberfeminism. *Youtube*. *Twitter*

Recebido em: 28.10.2022

Aceito em: 09.11.2022

INTRODUÇÃO

O artigo em questão versa sobre a análise das postagens da Ong “Não Me Kahlo”, no Canal do *Youtube* e *Twitter* do Grupo, que pelas primeiras observações feitas traz conteúdo de cunho feminista com viés acadêmico. A “Não Me Kahlo” foi criada em 2013 e atua como ativista (online e offline) no sentido de promover por meio da informação, o debate sobre machismo, violência contra a mulher e autonomia feminina.

Todas as ações do grupo estão alinhadas à perspectiva de interseccionalidade (gênero, raça, classe e orientação sexual)¹. A “Não Me Kahlo” conta atualmente com cerca de 4 mil inscritos no canal do *Youtube* e 105 mil seguidores na rede social (*Twitter*), espaços virtuais que compõem nosso *corpus* de pesquisa. O objetivo deste estudo é analisar a participação e engajamento das mulheres nas duas plataformas comunicacionais; observar a interação entre destinador e destinatário (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 132); levantar quais temas são mais abordados e ganham maior repercussão. Importante salientar que se trata de uma análise exploratória desse grupo de ativistas.

A intenção é ainda perceber e observar se as postagens associaram o conteúdo principal aos desafios da pandemia. Portanto, o recorte proposto é: análise de vídeos publicados desde 2020, no canal do *Youtube* e sua interação com o público, assim como publicações no *Twitter* de janeiro a maio de 2021. Esse período na rede social se justifica devido à grande quantidade de publicações na página, que ficariam impossibilitadas de analisar e discutir no espaço deste artigo. Foram encontrados centenas de *posts* e os critérios de seleção são os seguintes: primeiro verificamos informações específicas sobre a causa feminista. Abrimos um adendo para explicar, que em função da

¹ Site da ONG Não ME Kahlo: <https://naomekahlo.com/sobre-2/sobre/>

interseccionalidade proposta pelos destinadores existe uma gama enorme de assuntos levantados a esse respeito. Como nosso foco é a violência contra a mulher, nos atemos à coleta desses compartilhamentos.

A pergunta de pesquisa é: como as mulheres se posicionam dentro dessas plataformas de comunicação solidárias? Uma das hipóteses é que a iniciativa ganha mais força dada a interação com o público feminino que busca de maneira empática (CAIAFA, 2020; PEREIRA, RETT e BEZERRA, 2021) sobrepujar suas angústias em relação ao machismo e patriarcado (SAFFIOTI, 1987, 1995).

Utilizamos dois métodos no desenvolvimento da pesquisa: análise do discurso e a observação oculta. A base teórico-metodológico está em Greimas e Courtés (2008), Greimas (1984), Landowski (1992), Janice Caiafa (2020); Cláudia Ferraz Pereira (2019); Rett e Bezerra (2021) bem como outros nomes que atuam na compreensão de Ciberfeminismo e gênero como Donna Haraway (1985); violência e patriarcado (Saffioti e Almeida, 1995; Safiotti, 1987) e Gerda Lerner (2019).

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse estudo será conduzido a partir de dois tipos de abordagens teórico-metodológicas: a de análise do discurso inspirada nos conceitos da Escola Francesa de Semiótica e a técnica da observação oculta, conforme proposto por Skageby (2011) e Ferraz (2019), como serão explicadas com maior detalhe no tópico seguinte.

1.1. Análise do discurso

A análise do discurso parte da ideia de que não basta a leitura de um texto, mas sim mostrar quais elementos de produção e efeitos de sentido foram acionados, podendo ser ele fruto de questões culturais, ideológicas, entre outras (FIORIN, 2016). Em suma, é “tornar explícitos mecanismos implícitos de estruturação e interpretação desses textos” (FIORIN, 2016, p. 10). Importante explicar que para os semioticistas da escola Francesa de Semiótica, Greimas e Courtés (2008) o termo “texto” pode ser representado por inúmeras coisas: um ritual, uma imagem, uma pintura, uma música, uma receita de bolo, um filme, uma novela, um folhetim, uma dança, uma publicação nas redes sociais. Tudo para os semioticistas é passível de análise e produz significado (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 503). Em outras palavras, a análise do discurso, é,

o conjunto de procedimentos utilizados na descrição de um objeto semiótico, os quais se particularizam por considerar, em seu ponto de partida, o objeto em questão como um todo

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

de significação e, por outro, entre as partes e o todo que ele constitui (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 29).

Na Obra “Elementos de Análise do Discurso” (2016), o linguista José Luiz Fiorin menciona que os textos são narrativas complexas, organizados hierarquicamente “em uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) e estruturados numa sequência canônica (FIORIN, 2016, p. 29)” integrando fases como a da manipulação, competência, performance e sanção. Assim é possível traçar um percurso sobre a construção de um “ator” em uma determinada narrativa, denominação que segundo Greimas e Courtés (2008, p. 44-45) “substitui o personagem” em uma história, tratando-se de “narrativas complexas”, principalmente porque nem sempre estão evidentes diante dos olhos ou claras no discurso, e, portanto, precisam ser decifradas.

Todas as interações são compostas pelo que Greimas e Courtés (2008) denominam “actantes da comunicação ou da enunciação: narrador e narratário e também interlocutor e o interlocutório, que participam da estrutura da interlocução que é o diálogo” (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 21). Greimas (1984) aborda ainda a “Semiótica Figurativa e Plástica”, que agrega nas análises incluindo a categoria “cromática”, por exemplo (branco vs preto) tornando mais ampla e precisa a visão acerca do objeto. É sobre essas conversas ou “diálogo” que buscaremos, por meio da técnica de observação oculta, identificar os posicionamentos nas produções da “Não Me Kahlo”.

1.2. Observação oculta e empatia

Outro método que será utilizado é o da observação oculta. Este, conforme explicou Ferraz (2019, apud Skageby, 2013) parte da “observação dos outros e as redes de conexão que as ações online estabelecem” (FERRAZ, 2019, p. 60). Com base nesse recurso de observar no anonimato, o pesquisador acompanha o que foi compartilhado e o debate gerado a partir desta publicação, mas não interfere nesse processo. Apenas segue o grupo, para depois fazer a coleta do material e analisar os dados segundo a metodologia proposta. Fica o esclarecimento de que os autores de comentários (seguidores) na página terão, por questões éticas, sua identificação suprimida no texto. Somente deixaremos identificado quando se trata da opinião ou postagem do administrador (da NMK).

O primeiro momento da pesquisa é o de inserção neste meio, depois pode ser feita uma busca de modo geral na página para se inteirar e conhecer as publicações feitas, além da interação do público neste espaço (FERRAZ, 2019). A autora faz outras observações pertinentes que orientam e servem para o estudo em questão: “neste quadro, as [...] mensagens foram selecionadas pelo critério de

atuação social/digital na esfera feminista [...] que, pelas postagens, geram agendas, debates e informações que estas executam” (FERRAZ, 2019, p. 60).

Quando se trata de uma pesquisa seguindo o método de etnografia ou de “inspiração etnográfica” faz-se necessário manter uma “proximidade” com o outro e que em seus escritos Janice Caiafa (2019) atribui a uma empatia. Existe nesse princípio, segundo Caiafa (2019) “a ideia de interioridade na empatia, expressa pelo prefixo “em” (CAIAFA, 2019, p. 42) do tipo estar em sintonia. O mesmo sentimento é descrito na publicação das etnógrafas Simone Luci Pereira, Lucimara Rett e Priscila Miranda Bezerra (2021) com o Título “Músicas e sons que ecoam pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta”. As autoras relatam que ao observar o final de uma das apresentações de uma artista chamada de “Lilian Jardim, que é uma das poucas mulheres que se apresenta sozinha na avenida, percebemos a empatia de alguns fãs que a ajudavam no recolhimento do equipamento” (PEREIRA, RETT E BEZERRA, 2021, p. 16). Esse estar e sentir com o outro se inscreve, sobretudo, na ordem do atravessamento com a pesquisa.

Ao estudar fenômenos no ciberespaço (*Twitter*) é preciso compreender acerca desse meio e das interações que nele se estabelecem. As redes sociais são compostas pela reunião de dois componentes importantes: os atores que são caracterizados pelas pessoas, organizações ou grupos e formam os nós da rede e as suas conexões. Desse modo, são agrupados de maneira individualizada e/ou personalizada por meio de um perfil em qualquer rede social de sua escolha. Por outro lado, as conexões, para Recuero (2009), integram os elementos que desenvolvem a base pela qual as representações são concebidas.

Os estudos nesses espaços cibernéticos se estruturam a partir da observação das redes ‘inteira’ ou de “ego”, esta última formada por um perfil pessoal em uma rede. No caso, utilizaremos a rede “ego”, da página da “Não me Kahlo” no *Twitter*. “É assim, um conjunto de nós definidos a partir de um ator central” (RECUERO, 2009, p. 70). Dessa forma,

Quando se escolhe a abordagem “ego”, os dados relacionais são obtidos a partir da classificação das relações entre os *alters* (outros indivíduos) e o ego (indivíduo central), em um número de graus de separação (distância entre o ego e o resto da rede) determinada pelo pesquisador. Assim, uma abordagem ego, por exemplo, poderia partir de um único *weblog* e traçar todas as conexões deste blog a partir de seus links ou comentários (RECUERO, 2009, p. 70).

Dialogando com Ferraz (2019) sobre esse tipo de abordagem os “ativismos feministas na rede se fazem significativos, pois os feminismos formam teorias críticas sobre a vida social, que não

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

se fazem importantes apenas nas relações de gênero, mas sim, como representações que trazem à tona, as críticas sobre as diversas esferas da hegemonia da dominação em nossa sociedade” (FERRAZ, 2019, p. 61).

Como o foco está em analisar como as “interlocutoras”, - para usar o termo proposto por Greimas e Courtés (2008), tratam da questão de violência contra a mulher, - entenda-se aqui todo tipo de violência (psicológica, física, por assédio, feminicídio), no tópico a seguir detalharemos mais a respeito desse conceito.

1.3. Estudos de patriarcado, gênero e violência contra a mulher

Falando de patriarcado recorreremos às feministas, como as sociólogas Heleieth Saffioti e Suely Souza de Almeida que escreveram a obra “Violência de Gênero: poder e impotência” (1995), que foi fruto de um trabalho e pesquisa de campo que durou seis anos. Neste período, elas observaram a relação: vítima, agressor, policiais, assistentes sociais, entre outros, e a partir daí desenvolveram sua leitura e teoria sobre o problema. As pesquisadoras apontam quão generalizada é a violência que ocorre dentro dos lares em vários locais do Brasil chegando a comparar esse tipo de ação como uma “erva daninha” que se alastra culminando com o efeito da impunidade (SAFFIOTI, ALMEIDA, 1995, página de apresentação). Para Saffioti e Almeida (1995),

Embora estas condutas estejam tipificadas no Código Penal brasileiro, são extensamente toleradas pela sociedade simplesmente por se tratar de violência cometida por homens. Com relação à mulher, a sociedade revela muito menor ou nenhuma complacência. Isso equivale dizer que o inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero cotidianamente alimentada não apenas por homens, mas por mulheres (SAFFIOTI, ALMEIDA, 1995, p. página de apresentação).

Segundo informações do Serviço Nacional de Saúde (2016), “apesar da violência contra a mulher ser muito superior, os homens também são vítimas deste crime” (SNS, 2016). O dado apresentado nesta pesquisa do SNS (2016) aponta que 14,4% dos homens brasileiros indicaram ter sido agredido. Não encontramos nenhuma pesquisa mais atualizada sobre esse tipo de agressão contra homens. Porém, como diz o enunciado da pesquisa feita pela SNS, a violência é “muito superior” em relação ao público feminino. Quase na mesma época desse estudo feito pelo SNS ser divulgado, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal divulgou sondagem realizada pelo Núcleo de Estudos e Programas na Atenção e Vigilância em Violências (Nepav) e pelo Sistema de Informação de Agravos e Notificação (Sinan) do órgão mostrando que,

A violência contra a mulher é cerca de três vezes maior que contra o gênero masculino. Isto é, dos 1.694 casos de violência notificados nas unidades da capital em 2015, 1.230 foram direcionados ao gênero feminino. Ou seja, 72,6% do total (SINAN, 2016).

De acordo com a investigação feita com 2 mil mulheres no país nos últimos 12 meses, 75%, que corresponde a 17 milhões de entrevistadas, elas disseram ter sofrido algum tipo de violência neste período da pandemia, que converge com a pesquisa que desenvolveremos com esse recorte. Nota-se pelas percentagens que existe uma grande diferença a respeito de quem sofre mais ou menos violência, ou seja, das mulheres em relação aos homens. Por isso é importante buscar entender essa problemática. Esta é a maneira que temos de mostrar como ocorrem esses processos na tentativa de estimular ações e um debate amplo que vise uma mudança no que Greimas e Courtés (2008, p. 324) chamam de “mundo natural” ou do “Senso comum”, representando aquele que segue uma ordem de naturalização das coisas.

Sejam em épocas diferentes e distantes (1995, 2014, 2016, 2021) que as pesquisas acima foram realizadas, o que se percebe é que o problema persiste e isto serve como mais uma justificativa para seguir adiante estudando esse tema; visto que, ou os casos se estabilizam, ou aumentam, nunca diminuem fazendo desta uma grave crise a ser enfrentada pela sociedade. Na obra *Violência de Gênero: poder e impunidade*, Saffioti e Almeida (1995) declaram ocasiões e depoimentos em que as mulheres foram “responsabilizadas” ou “culpabilizadas” pelos acontecimentos. Não é incomum ainda, como Saffioti descreve em “O poder do Macho”, que mulheres vítimas de violência são, frequentemente, transformadas em réis, inclusive depois de mortas” (SAFFIOTI, 1987, p. 80).

Ao adentrarmos nessa esfera, não podemos deixar de trazer para a discussão os estudos de Gerda Lerner (2019) a respeito da “Criação do Patriarcado: História da Opressão das mulheres pelos homens” que segundo a autora existe há mais de 2.500 anos. Dos escritos bíblicos até os tempos atuais, Lerner (2019) traça uma genealogia do sistema, que pode auxiliar no entendimento (não aceitação) das maneiras pelas quais essas práticas são desencadeadas. Para ela, as formas simbólicas criadas para explicar o mundo e o universo, mostram desde o início como a mulher já se encontrava em posição desfavorável, que acaba em determinadas construções narrativas e discursivas criando uma defesa a certos padrões de violência (LERNER, 2019, p. 330).

1.3.1. Ciberfeminismo

Não tem como falar de Ciberfeminismo sem lembrar de Donna Haraway e sua publicação com o Título “Manifesto Ciborgue” (1995) no fim do Século XX, na *Socialist Review*, que deu

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

origem a essa teoria. Foi a pesquisadora, lá atrás nos primórdios das invenções tecnológicas (internet), quem inspirou esse tipo de ativismo como forma de protestar contra o patriarcado e suas ações, sem imaginar que anos à frente, mais precisamente hoje, a tecnologia seria um meio de “pegar para si, as qualidades potentes de seu inimigo e utilizá-las aos seus próprios fins ideológicos, (re) apropriando os instrumentos do próprio sistema para combatê-lo” (FERRAZ, 2019, p. 60-61). Esse manifesto, além de também representar uma crítica aos movimentos feministas da época sobre o “ser mulher” que era tratado de forma “naturalizada”, de acordo com as explicações sobre “Ciborgue” de uma das feministas responsáveis por publicações pela “Não Me Kahlo”, Thaysa Malaquias. Estes escritos soam como uma espécie de metáfora na qual se busca a desconstrução dos padrões: ser-humano/máquina e masculino/feminino), motivadas pelo sistema patriarcal. Esse “ser”, na visão de Haraway (1985) pode ser desmontado e remontado como um novo indivíduo, associado àquele que se reinventa diante dos desafios construídos pela sociedade. Sobretudo, Haraway encontrava nessa proclamação do “ciborgue um modelo para essa nova política de identificação” (MALAQUIAS, 2016).

Pelo que se observa, a Ong “Não Me Kahlo” atua com essa missão de “utilizar a força da informação para promover a autonomia feminina” (Não me Kahlo, 2013)². Uma publicação na página do *Twitter*, vai bem ao encontro desse pensamento e é apoiado pelas seguidoras, conforme imagens (1 e 2):



Figuras 1 e 2 - Fonte: *TWITTER NÃO ME KAHLO*, 2021

² Mais informações: <https://naomekahlo.com/sobre-2/sobre/>

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

Ferraz (2019) enfatiza,

Haraway (1995:02,03) em referência às abordagens sobre os saberes localizados na questão da ciência para o feminismo, traz a ideia de que, a metáfora é um convite à investigação dos aparatos como tecnologias, as quais estamos embutidos. Segundo ela, é onde, podemos intervir nos padrões de objetificação do mundo, o qual pertencemos e somos responsáveis. O que sugere na utilização da metáfora, o processo da simbiose com o real, enriquecendo demasiadamente a produção científica (FERRAZ, 2019, p. 61)

Essa atuação com o objetivo de educar fazendo do espaço cibernético um meio para que isso ocorra, auxilia na quebra de padrões e na mudança de visão tanto por parte da mulher quanto do homem. Nessa linha, a “Não Me Kahlo” traz conteúdos diferenciados e com viés acadêmico, como defende Haraway (1995). Não são simples postagens, mas publicações que de fato, informam.

Esta é uma maneira, segundo Ferraz (2019), de influenciar na reflexão a respeito dos “processos do estudo científico sobre os ciberfeminismos, considerando estes saberes localizados, em conversas e códigos feministas, desempenhando a compreensão dos significados possíveis” (FERRAZ, 2019, p. 63). Mais do que isso tem o poder de “estimular a revisão dos valores sociais, a partir, da decodificação dialogada, entusiasmada pela esperança de responsabilidade na política do cotidiano tecno-capitalista” (FERRAZ, 2019, p.63).

Esses posicionamentos nas redes sociais em torno de uma causa, acionam outro conceito que Haraway chama de tecno-biopotência do feminismo, sendo conforme explica Ferraz (2019) a busca de uma “energia ativista ativa e sua articulação rede/ rua como o combustível da Multidão Ciborgue” (FERRAZ, 2019, p 65). O termo “multidão ciborgue” está entrelaçado à teoria de Preciado (2013) sobre “Multidão Queer” significando – corpos e performances que resistem ao padrão de normatividade, desenvolvendo-se no que chama de “Império Sexual”. A tecnologia faz parte do Império, não revolucionam por si só e seu grande propósito está fortemente amparado no mercado (tecnocapitalismo). Percebe-se que o engajamento de grupos como a “Não Me Kahlo” desempenha esse papel tanto por meio de críticas ao tecnocapitalismo e na resistência em relação aos padrões dominantes, buscando o que Haraway defende em seu manifesto – a biopotência para transformação.

Essas práticas e ações “Ciberfeministas” dão vida à teoria de Haraway que é para Malaquias (2016) “bastante precisa na proposta de uma nova política identitária com base na afinidade” (MALAQUIAS, 2016). Afinidade que se associamos conceitos de empatia empregados tanto por Caiafa (2019) quanto por Pereira, Rett e Bezerra (20210).

2. Resultados alcançados

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

Youtube

Na plataforma do *Youtube* da Ong que tem cerca de 4 mil inscritos, as destinadoras do conteúdo descrevem “Neste vídeo de reestreia do nosso canal no *Youtube* resolvemos falar sobre CIBERFEMINISMO e lançar nossa própria visão do que será nosso trabalho aqui nesta plataforma daqui pra frente” (NÃO ME KAHLO, 2020). Ao todo foram publicados de 2020 até a coleta final (maio 2021), dois vídeos, mas as destinadoras não fazem associação do tema defendido com o período da pandemia, inclusive parecem ações desenvolvidas anteriormente já que expõe fotos de encontros realizados interagindo com grande número de pessoas. Mesmo assim, entendemos ser importante fazer análise das publicações em questão com o objetivo de compreender o posicionamento utilizando este canal e o retorno obtido.

As interlocutoras trabalham com diversos tipos de “textos” (Greimas e Courtés, 2008, p. 503) possivelmente no intuito de atingir determinados públicos. Além do texto escrito por Malaquias (2016) e disponibilizado na página do *Twitter* do grupo, no *site*, a Ong publicou um vídeo com o título “Ciberfeminismo” (2020) como destacado acima em seu canal do *Youtube*. Esse é um tipo de isotopia (Fiorin, 2016, p.112; Greimas e Courtés, 2008, p. 275) ou “recorrência de um dado traço semântico [...] que oferece um plano de leitura e determina um modo de ler um texto” (FIORIN, 2016, p. 112). São formas de dar ao público a oportunidade de acessar uma informação e conteúdo, que se não é feita pelo *site*, pela página do *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter*, pode ser consultada por meio de outra linguagem atrativa de som e imagem, disponível em vídeo no *Youtube*.

Neste vídeo “Ciberfeminismo” com base em pesquisas científicas, a “Não Me Kahlo” traz informações pertinentes sobre a trajetória de luta das mulheres contra a desigualdade e como elas estão presentes na rede, que tece a dominação por meio da tecnologia. Não diferente do texto escrito explicando sobre o conceito de “Ciberfeminismo”, a publicação enfatiza a ideia de Haraway (1985) e que a autora esperava disseminar por meio da metáfora do “Ciborgue”, já explicada por Malaquias (2016). Esse vídeo com 13 minutos e 56 segundos (13´56´´) teve 2.690 visualizações e 33 comentários (incluindo nessa interação, os inscritos no canal e respostas de representantes da Ong). São depoimentos de 15 mulheres, 5 retornos da “Não Me Kahlo” e 13 menções de homens. A maior parte dos comentários parabeniza a publicação baseada no pensamento de Haraway (1985), pedido de tradução ou legenda para compartilhamento em outro idioma, menção a outras feministas como Ayn Rand e Margaret Thatcher. Em um dos comentários diz: “Tragam mais vídeos sobre Donna Haraway!

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

Uma pensadora importante e pouco traduzida para nossa língua. Amei o vídeo”. A resposta da “Não me Kahlo” “Uma de nossas principais referências. Com certeza falaremos mais dela”; outro inscrito expõe “Excelente conteúdo, muito bem produzido e me fez refletir sobre diversos temas que sinceramente nunca tinha parado para pensar. Devidamente compartilhado para essa reflexão chegar a mais pessoas!”.

Outra autora descrita na publicação é Judy Wajcman (que escreveu a Obra: *Feminismo confronta a tecnologia*, 1991). Wajcman (1991) faz parte de uma leva de feministas que passaram a pensar nessa relação entre mulher, tecnologia, gênero e classe preocupando-se, segundo a imagem (3):

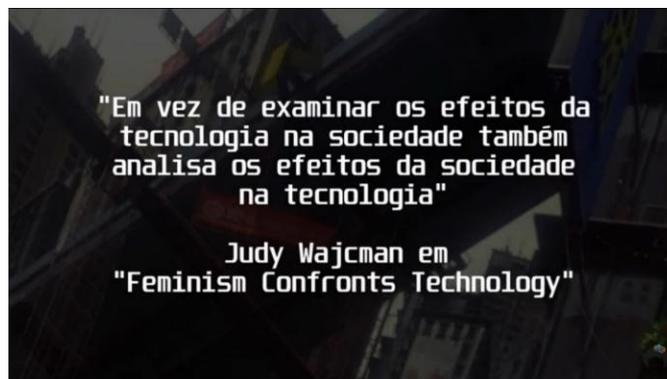


Figura 3 - Fonte: *YOUTUBE NÃO ME KAHLO*, 2021

Esse pensamento converge com um dos propósitos defendidos na proposta de interseccionalidade da “Não Me Kahlo”. Assim, desvendam que “Mulheres foram pioneiras na área da tecnologia, mas quando começaram a ter maior visibilidade, o marketing direcionado aos “meninos” foi mais forte. Quando começou ganhar importância, as “mulheres passaram a não ser mais tão aptas à programação” (“Não Me Kahlo”, 2020), e hoje essa é uma carreira vista mais como masculina, assim como outras. Agora como os homens são a maioria quais os efeitos que a tecnologia produz?

Justamente por ser comandada por homens, a “Não Me Kahlo” lembra que a tecnologia não é neutra. Estabelecem então a ligação do capitalismo com as invenções tecnológicas e o patriarcado.

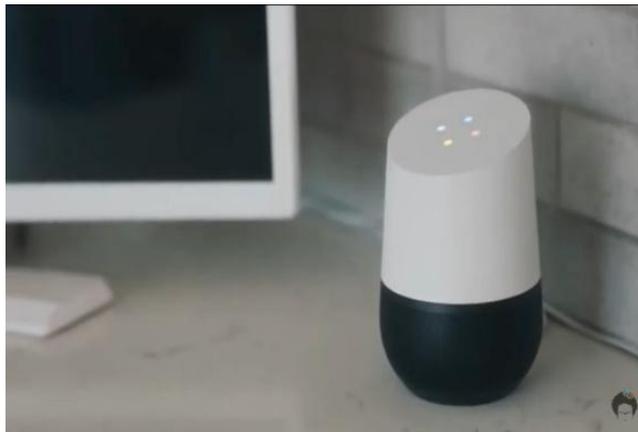


Figura 4 - Fonte: *YOUTUBE NÃO ME KAHLO*, 2021

A imagem (4) apresentada no vídeo da Ong vemos algumas das invenções que seguem essa ordem: Alexa, Magalu, Bia (Bradesco) simbolizando os efeitos da sociedade na tecnologia. As assistentes virtuais geralmente têm voz de mulheres, que se assemelham à característica da mãe. A masculina é vista como uma figura de autoridade, enquanto a mulher representa um segundo plano, ou sob a forma da “assistente”, indo na linha da inferiorização da mulher (Cf. foto 4).

Segundo a “Não Me Kahlo” (2020) todas essas questões estão relacionadas com a “velha divisão sexual do trabalho”, ou seja, mulher faz isso e homem faz aquilo. Ao aprofundar sobre o tema, a “Não Me Kahlo” (2020) lembrou de matéria divulgada na *Cosmopolitan* (1967) que dizia:

20 anos atrás uma garota poderia ser uma secretária, professora, talvez uma bibliotecária, assistente social ou enfermeira [...] se ela fosse muito ambiciosa poderia ir para profissões e competir com homens, geralmente trabalhando mais e por mais tempo, ganhando menos pelo mesmo serviço. Agora chegaram os computadores grandes e deslumbrantes. Um novo mundo de trabalho para mulheres – programação. É como planejar um jantar, diz a doutora Grace Hopper (NÃO ME KAHLO, 2020).

Hopper e outras mulheres foram pioneiras na criação de diversas tecnologias e linguagem de programação. A partir daí outras invenções ganharam força e a autoria foi assumida por homens. Como a tecnologia é um produto humano, ela pode também ser racista. Dentro da perspectiva da interseccionalidade, a pesquisa de doutorado de Tarcízio Silva, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (UFABC), com o título “Dados, algoritmos e racialização em plataformas digitais” (2018), revela alguns exemplos a esse respeito na figura (5). A imagem mostra que ao serem feitas buscas na internet por “garotas negras”, os resultados que surgem são parecidos com esse na figura (5), ou seja, associados muitas vezes aos conteúdos pornográficos:

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32



Figura 5 - Fonte: *YOUTUBE NÃO ME KAHLO*, 2021

Outro vídeo, publicado há 7 meses (2020), de 1 minuto e 39 segundos (1'39'') teve 205 visualizações. O vídeo começa mostrando uma cena em que aparece um braço de mulher com pulseiras coloridas de tecidos segurando uma xícara de café que tem os dizeres: “Tomando café porque derrubar o patriarcado tem que ser feito com energia”. Em seguida a xícara é colocada ao lado do computador e a mão aperta a tecla “power”. No contexto, esse termo “power” ou poder pode simbolizar alguns significados em relação à representação feita: a destituição das opressões e do poder masculino e que por meio das tecnologias, com a mesma visão de Haraway (1985), a mulher encontra força para sobrepujar a dominação patriarcal, entre outros.

Fora esses aspectos figurativos, a proposta da publicação é divulgar o trabalho institucional do grupo. Menciona que em 2018, a campanha “ajude a Não Me Kahlo a se tornar uma Ong” foi um sucesso; depois disso as idealizadoras criaram uma plataforma para falar de feminismo que “normalmente é negado em grandes meios de comunicação”; receberam um troféu “Mulher Imprensa”. Desse modo, segue suas campanhas, usando os recursos tecnológicos disponíveis como ferramenta e símbolo de luta contra todo o tipo de desigualdades. Nessa mesma esteira, trataremos no próximo tópico do acompanhamento do *Twitter*, observando como ocorre esse engajamento num espaço com maior interação.

Twitter

Na primeira leitura da página ou rede “Ego” (Recuero, 2009) da “Não Me Kahlo” no *Twitter*, que tem aproximadamente 105,3 mil seguidores, percebe-se vigente a proposta do grupo da “interseccionalidade”, conforme mencionamos acima. Assim, além de atuar como ativista nas causas da mulher, defende outros grupos vistos pelo sistema patriarcal como “inferiores”. De 817 postagens

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M.; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

feitas nos meses de janeiro a maio de 2021, para sermos fiéis à proposta inicial desse trabalho, e também devido ao espaço que se tem nesse artigo, focamos na temática que temos maior interesse na discussão: a da violência contra a mulher que pode vir sob diversas formas: opressão psicológica, assédio, agressão física, feminicídio. Desta quantia de posts no *twitter*, foram selecionados 11 deles, que vão direto ao assunto. Vejamos a seguir.

Embora exista um tipo de procedimento que não é reconhecido como uma forma de violência simbólica, que impõe padrões de beleza estabelecidos no “mundo natural” (GREIMAS E COURTÉS, 2008), esse modelo violento pode ser visto nos procedimentos cirúrgicos (plásticas), que muitas vezes mutilam o corpo da mulher, quando não tiram sua vida, conforme aponta o depoimento de uma seguidora do perfil em 25 de janeiro,

Precisamos parar de normalizar procedimentos estéticos e investir cada vez mais em páginas que contam os perigos de cirurgias plásticas e incentivar mulheres a gostar do que veem no espelho, diferente do que influenciadores e a mídia sempre pregaram para caber nos padrões de beleza. (NÃO ME KAHLO, 2021)

A postagem teve repercussão como forma de resistência a esses “modelos” prescritos. Outra manifestação dizia, “a pressão estética é um negócio altamente lucrativo e principalmente voltado às mulheres porque nosso valor social está intimamente conectado à nossa aparência. (NÃO ME KAHLO, 2021).

Aproveitando essa oportunidade, como forma de alertar para o assunto, a “Não Me Kahlo” publicou um texto informativo com o título “Lipo e o “preço da beleza” (NÃO ME KAHLO, 2021/RANGEL, 2021).

No dia 26 de janeiro, uma postagem trouxe para a discussão um problema que tem sido debatido no discurso feminista e chama “*Gaslighting*” (GARCIA, FARNESE, PARÓDIA, RAMIREZ, 2021). O *gaslighting* é uma percepção errada que a mulher tem sobre ela mesma e isso ocorre em situações como as que “Bruna” e respectivamente, “Andreza” publicaram.

Existem histórias de violência doméstica que são um verdadeiro horror (quase no sentido do cinematográfico, não fossem reais). Lembro de uma mulher no qual o marido ia todo dia na hora do almoço mudar os móveis da casa de lugar, tudo pra convencê-la de que ela era louca.

Nunca vou me esquecer do dia que escutei de uma mulher sobre como seu marido escondia a escova de dente, e durante a relação tóxica ela foi perdendo a dentição, pelo simples fato dele impedir ela de escovar os dentes. Sabe o que significa não ter dente principalmente da frente? (NÃO ME KAHLO, 2021)

São casos que chegam chocar e não tem como não sentir ou ser como Caiafa (2019) descreve “agenciadas ou atravessados pela pesquisa”, termo também utilizado por Deleuze e Guattari (1980, p. 629-632) na ordem da observação participante, que entendemos servir também nessa técnica da observação oculta cujo estudo é desenvolvido.

No dia 6 de fevereiro, a Ong *retweetou* o comentário de uma de suas seguidoras (Figura 6),



Figura 6 - Fonte: TWITTER DA NÃO ME KAHLO, 2021

Quando a postagem menciona sobre ser “livre”, ela quer dizer que o contrário de liberdade é prisão, que é outra forma de violência simbólica. E a Ong reforça: “A beleza que existe na liberdade”. Ou seja, Madalena, a mulher em questão é mostrada na foto em duas ocasiões: quando estava prisioneira em um regime de escravidão e depois de ter conseguido se livrar dele. O verbo livrar gramática e semanticamente procede do termo ser “livre”. Se fosse resumir tudo o que foi dito até agora, essa seria a palavra com significado mais forte de todos: a liberdade que é incessantemente buscada e inspirada pela “Não Me Kahlo” em suas publicações para todas as mulheres, sendo uma forma de “ser visto”, como “fazer emissivo” e de “ver” como “fazer respectivo”, que são estratégias de comunicação trabalhadas por Landowski dentro dos regimes de visibilidade, na obra: Sociedade refletida (1992, p. 100). No mesmo dia, o grupo destinatador inquire sobre o mesmo tema: Advogados poderiam dar um pitaco? Ao passo que a seguidora “Maria” (que é médica) traz outro dado sensível (Figura 7):

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

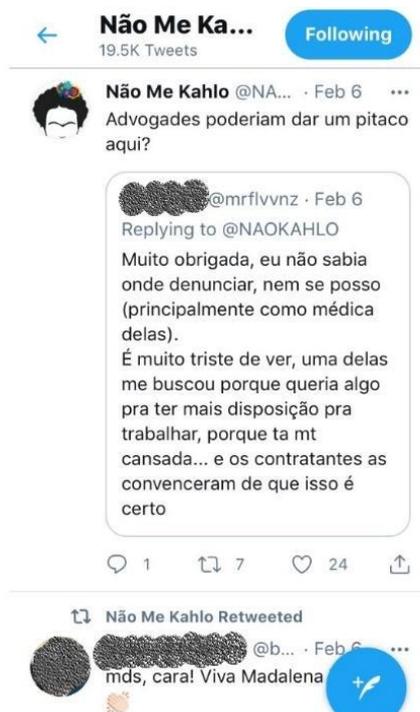


Figura 7 - Fonte: TWITTER DA NÃO ME KAHLO, 2021

A escravidão é muito mais séria e grave do que se imagina. É uma forma maléfica de conduzir vidas. Ela prende e manipula ideias. Isso está claro quando a médica que atende mulheres nessas condições diz: “Me buscou porque queria algo pra ter mais disposição pra trabalhar, porque está muito cansada e os contratantes convenceram de que isso é certo” (NÃO ME KAHLO, 2021). Como não enxergar isso como um ato de violência contra a mulher?

No dia 17 de fevereiro, a “Não Me Kahlo” replicou a notícia do deputado federal pelo Rio de Janeiro, Daniel Silveira, que quebrou a placa de homenagem à vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018. Em outra ocasião ao se recusar em usar a máscara, ele agiu de maneira misógina e agressiva em relação à uma policial, na figura 8.



Figura 8 - Fonte: *TWITTER DA NÃO ME KAHLO*, 2021

O comentário da NMK dizia: “O típico machão é como Daniel Silveira nessa cena patética ao recusar colocar a máscara. Percebe que ele fala grosso com a mulher e fala fino com o homem, peita a mulher e tem postura amigável com o homem”. (Não Me Kahlo, 2021). Nessa ocasião ao chegar no Instituto Médico Legal do Rio sem máscara, que é considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um recurso dos mais importantes na prevenção e controle da covid-19, ele foi solicitado a colocar o equipamento de segurança por uma policial. Em seguida foi grosseiro e insultou a responsável por manter a ordem seguindo as recomendações do estabelecimento durante a pandemia. Segundo a “Não Me Kahlo” ele mostrou atitudes machistas daquele que “fala grosso com uma mulher e fala fino com um homem, peita a mulher e tem postura amigável com o homem” (NÃO ME KAHLO, 2021).

No dia 27 de fevereiro, a pauta traz a notícia da *gamer* de 19 anos assassinada³ na cidade de São Paulo. A Ong se manifestou, conforme figura 9,

³ <https://buzzfeed.com.br/post/a-gamer-brasileira-sol-de-19-anos-foi-morta-por-um-misogino>



Figura 9 - Fonte: *TWITTER DA NÃO ME KAHLO*, 2021

A manifestação da ONG alertava: “Esse caso é muito chocante. Que possa ao menos servir para abrir um debate amplo e urgente sobre machismo na comunidade *gamer*, que tem muita resistência a isso” (Não Me Kahlo, 2021).

O dia 1 de março foi usado para protestar contra o estupro. A seguidora de publicou a seguinte informação (Figuras 10 e 11),



Figuras 10 e 11 – Fonte: *TWITTER DA NÃO ME KAHLO*, 2021

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

Trata-se do caso de estupro denunciado pela jornalista Amanda Audi, do *site Intercept Brasil*, em 2019, contra o professor Alexandre Andrada da Universidade de Brasília (UnB)⁴. As testemunhas indicadas no inquérito nem foram ouvidas e a investigação sequer foi aprofundada. A polícia federal encaminhou relatório à Justiça que resultou no arquivamento do processo. Ao desabafar em suas redes digitais, Amanda teve de apagar todo o conteúdo após interpelação do advogado do professor da UnB. Teve que se calar, o que mostra que o judiciário, segundo Saffioti aponta na obra com o título “O poder do Macho” (1987), frequentemente transforma mulheres vítimas de violência em rés da ação, enquanto em outras palavras, os homens saem impunes prontos para cometer mais crimes como esse (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Sobre o assunto, a Ong publicou texto intitulado “Como Amanda Audi denunciou um estupro e perdeu o direito à própria voz”. A cor preta em destaque na imagem, que pode ser vista como uma categoria “cromática” (Greimas, 1984), aponta para um sentimento de “perda”, de lágrimas e tristeza, já que é esse tipo de comoção que toda essa situação gera, além de lembrar que na nossa cultura esse matiz representa o “luto”, assim como, por exemplo, o branco significa a paz, que é tanto almejada, em particular, pela vítima de violência.

Nessa mesma linha de atuação da justiça nesses casos, ou a falta dela, a deputada estadual em São Paulo, Isa Pena – assediada por outro deputado estadual Fernando Cury desabafou em seu perfil o seguinte (Figuras 12 E 13),



⁴ Mais informações: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/sem-investigacao-aprofundada-acusacao-de-estupro-de-jornalista-e-arquivada.shtml>

Figuras 12 E 13 – Fonte: *TWITTER DA NÃO ME KAHLO*, 2021

Além da exposição e com a “saúde mental em risco”, como ela disse, a única punição em relação ao agressor foi alguns meses de afastamento ou suspensão, que para ela soa como um período de “férias” até que ele retorne e tudo volte ao “normal”. Isso se daqui a pouco ela não for vista como “louca” ou “desequilibrada”, que é um “papel social ou temático” dos mais delegados para a mulher em casos como esse (GREIMAS E COURTÉS, 2008; DEMURU E GARCIA, 2020). No passado também as mulheres que buscavam resistir a esses padrões e lutavam contra ele, eram chamadas de histéricas, como foram apelidadas muitas das sufragistas, que desejavam o direito do voto.

O vídeo da “Não Me Kahlo” publicado no dia 20 de março traz as mesmas isotopias: temáticas e figurativas. Nessa publicação, é exibido o professor universitário Ricardo Germano, da Universidade de União da Vitória dizendo em uma aula EAD do curso de Engenharia da Produção: “Se o estupro é inevitável e iminente, relaxa e aproveite”. A Universidade o demitiu em seguida, mas esse fato mostra como a “praga ou erva daninha”, conforme Saffioti e Almeida (1995, pag. De apresentação) definem está enraizada em todos os setores e áreas da sociedade. A “Não Me Kahlo” (2021) pediu compartilhamento enaltecendo que somente quando uma grande repercussão é dada a determinado assunto, é que pode se ter esperança de algum tipo de punição ou mudança (Figura 14).



Figura 14 – Fonte: *TWITTER DA NÃO ME KAHLO*, 2021

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

De tempos em tempos atos como esse relembram as formas de agressões sofridas pelas mulheres ou literalmente “um cala boca” para que elas se calem diante de situações assim. É a questão principal desse estudo não era falar do óbvio, mas sim, mostrar como essas práticas se constroem e se naturalizam em nosso meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora no decorrer do caminho, a pesquisa tome outro rumo – isso não a invalida, muito pelo contrário, a torna mais consistente ainda, assim como o método empregado que propicia descobertas tão infundáveis e pertinentes. Poderia ter tido outro desfecho, outras análises, mas foram essas nesse tempo. Ao longo das pesquisas observou-se e se revelou que aquelas (seguidoras) que se manifestaram junto com as idealizadoras da página agem por um sentimento de empatia (Cf. Pereira, Rett e Bezerra, 2021; Caiafa, 2019) que as leva a atuar em prol de muitas interlocutórias que talvez não tenham tido ainda força suficiente para quebrar o silêncio e promover uma ruptura no ciclo de violência. Alguns entendem mais rápido os processos que se desencadeiam ao seu redor outros, nem tanto. Essa é a luta mais importante a ser travada diante dessa problemática: conscientizar e fazer o outro enxergar, entender o que e porquê tais coisas acontecem. É isso que buscaram Saffioti e Almeida (1995, 1987; Lerner, 2019). Respondendo uma questão que tínhamos em mente: não se trata de publicações específicas do período da pandemia, embora as administradoras também usaram o espaço para informar nessa fase, mas pelo que foi visto, corresponde a um trabalho atemporal, realizado pelo grupo de modo continuado.

As representantes da “Não Me Kahlo” atuam no sentido de educar e informar sobre o sistema do patriarcado e suas consequências porque educar pode libertar e salvar vidas. A contribuição e disposição que essas mulheres dão e têm é digna de honradez e louvor. Ao acompanhar as produções e a página desse grupo, foi possível vir sua atuação nessa ferramenta poderosa e quantas outras pessoas elas motivam à ação, podendo transformar esses padrões, aplicando ainda o princípio da sororidade (2018). Seguindo os conceitos de “Ciberfeminismo”, inspirados por Donna Haraway (1985) em seu “Manifesto Ciborgue”, além de outros autores que atuam nesse campo, a “Não Me Kahlo” se engaja, sobretudo, de maneira muito embasada em dados e pesquisas a respeito do tema, que enriquecem muito o diálogo. Sugere-se fortemente outras pesquisas nesse sentido como forma de fortalecer e engajar mais mulheres nessa causa.

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 7, n. 14, jul-dez. 2019.

DEMURU, Paolo. Práticas de vida. Entre Semiótica, comunicação e política. **Estudos Semióticos**, v. 13, n. 1, julho de 2017.

DEMURU, Paolo; GARCIA, Janete Monteiro Garcia. De “dama de ferro” a “bruxa desequilibrada”: uma análise semiótico-discursiva da figura de Dilma Rousseff na mídia impressa brasileira (2005-2016). **Revista Interamericana de Comunicação Midiática Animus**, v. 19 n. 39, p. 86-107, 2020.

FERRAZ, Cláudia P. Ciborgues e Ciberfeminismo no Tecnocapitalismo. **E-Book: Diversidade Diferentes, não Desiguais**: Atena Editora, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/arquivos/ebooks/diversidade-diferentes-nao-desiguais> Acesso em: 10 mai 2021.

GARCIA, Janete Monteiro; FARNESE, Pedro; RAMIREZ, Ivete M. S. R; PARÓDIA, Mariane Silva. Desigualdades e opressões: análise de discurso no podcast “Geração P” do Uol relacionado à construção da imagem da mulher durante a pandemia e os efeitos da sobrecarga de funções sobre elas. *In*: COSTA, Edwaldo (org.). **Ciências da Comunicação: Chave para Ascensão em Organizações e Relacionamentos**. Atena Editora, 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Jaclques. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica figurativa e plástica. **Significação: Revista Brasileira de Semiótica**, n. 4, junho de 1984.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX**, 1985. *In*: <http://www.rodrigomedeiros.com.br/pos/download/oriana/01-ManifestoCyborgI.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica**. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado. 1ª ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2019.

MALAQUIAS, Thaysa. **O que é o ciberfeminismo? Da origem por Donna Haraway às práticas atuais**. Disponível em: <https://naomekahlo.com/o-que-e-o-ciberfeminismo-da-origem-por-donna-haraway-as-praticas-atuais/> Acesso em: 10 jun 2021.

NÃO ME KAHLO. **Twitter**. Disponível em: <https://twitter.com/NAOKAHLO>. Acesso em: 14 jun 2021.

NÃO ME KAHLO. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oYCzbCZ0VE8>. Acesso em: 19 jun 2021.

NÃO ME KAHLO. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GOPRmHj3O4U&t=4s>. Acesso em: 18 jun 2021.

PEREIRA, Simone Lucia, RETT, Lucimara; BEZERRA, Priscila Miranda. Músicas e sons que ecoam pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta. **E-Compós**, 2021.

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

RECUERO, R. Redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Marcelo. **Sem investigação aprofundada, acusação de estupro de jornalista é arquivada.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/sem-investigacao-aprofundada-acusacao-de-estupro-de-jornalista-e-arquivada.shtml> . Acesso em: 10 jun 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho.** São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero: Poder e impotência.** Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1995.

SKÅGEBY, Jörgen. **Online Ethnographic Methods: Toward a Qualitative Understanding of Virtual Community.** Sweden: Ed. IGI Global, 2013. Acesso em: 14 out. 2017.

THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000.

UOL. **Violência contra a mulher superar em três vezes agressões contra homens.** Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/violencia-contramulher-e-tres-vezes-maior-que-contragenero-masculino/>. Acesso em: 20 maio 2021.

AUTORES:

Janete Monteiro Garcia

Doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP) e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). É formada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e também tem formação no Curso Superior de Tecnologia em Eventos, pela Faculdade de Tecnologia de Jundiá (FATEC). Concentra-se em estudos relacionados à Linha 2 do programa, com o título Contribuições da Mídia para a interação entre grupos sociais, congregando pesquisas relacionadas à comunicação enquanto forma e instrumento de poder na sociedade. Atua ainda em pesquisas no campo da sociosemiótica, política, com foco em análise do discurso das desigualdades de gênero em relação à mulher. É integrante do Grupo de Semipolítica dos processos socioculturais e midiáticos (SEMIOPOL).

E-mail: jane_s_monteiro@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9088-8194>

Pedro Farnese

Doutorando em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista (Unip) e jornalista efetivo do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - Campus Juiz de Fora. É mestre em Comunicação, especialista em Comunicação Empresarial, pós-graduado em Marketing e Negócios e bacharel em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Também possui licenciatura em Letras (Português e Literatura) pela Faculdade Universo. Na Universidade Estácio de Sá concluiu os cursos de especialização em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais e MBA em Jornalismo Digital. Tem interesse nas áreas de comunicação organizacional, difusão da ciência e tecnologia, fake news e mídias sociais digitais.

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32

E-mail: pedro.farnese@ifsudestemg.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0010-7281>

CIBERFEMINISMO

GARCIA, J. M; FARNESE, P.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 9-32